DIÁLOGOS BRASIL-MOÇAMBIQUE A PARTIR DAS DIRETRIZES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

Rosemberg Ferracini[1]

José Maria do Rosário Chilaúle Langa[2]

RESUMO

O referido texto é resultado da vivência e aprendizado nas cidades de Maputo e Lichinga, Moçambique, entre março e abril de 2023. Essa aproximação é fruto de pesquisas e investigações no campo do Ensino da Geografia e Geografia Regional da África. Baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana problematizaremos nossas reflexões acerca do Ensino de Geografia em Moçambique. Dentre o conjunto de atividades traremos experiências pedagógicas nas universidades, grupos de pesquisa, relação com as escolas e sociedade civil. Faz parte do conjunto das inquietações olhares e intepretações acerca da experiência na II Conferência Nacional da Associação de Geógrafos de Moçambique - II GAM, ocorrida nos dias 29, 30 e 31 de março de 2023 na cidade de Lichinga. Os resultados demonstram a participação de 06 universidades locais e seu campus nacionais, universidades brasileiras e portuguesa com a apresentação de 64 trabalhos em 10 eixos Temáticos e três palestras. A partir dos trabalhos, e para além de nossos olhares geográficos, propomos mobilizar esforços em romper a concepção eurocêntrica espaço-temporal, explicitando a urgência na aproximação e reconhecimento de saberes com as universidades de Moçambique.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia, Moçambique e escalas espaciais e temporais.

Brazil-mozambique dialogues based on the guidelines for teaching afro-brazilian and african history and culture

ABSTRACT

This text is the result of the experience and learning in the cities of Maputo and Lichinga, Mozambique, between march and april 2023. This approach is the result of research and investigations in the field of Geography Teaching and Regional Geography of Africa. Based on the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture, we will problematize our reflections on the Teaching of Geography in Mozambique. Among the set of activities we will bring pedagogical experiences in universities, research groups, relationship with schools and civil society. It is part of the set of concerns about the experience at the II National Conference of the Association of Geographers of Mozambique - II GAM, held on March 29, 30 and 31, 2023 in the city of Lichinga. The results show the participation of 06 local universities and their national campuses, Brazilian and Portuguese universities with the presentation of 64 papers in 10 thematic axes and three talks. From the works, and beyond our geographical perspectives, we propose to mobilize efforts to break the Eurocentric space-time conception, explaining the urgency in the approximation and recognition of knowledge with the universities of Mozambique.

KEYWORDS: Teaching Geography, Mozambique and spatial and temporal scales.

[1] Doutor em Geografia Humana USP. Professor na Universidade Federal do Triângulo Mineiro e do Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGE-UFTM rosemberg.ferracini@uftm.edu.br https://orcid.org/0000-0003-1203-8893

[2] Doutor em Geografia Unesp-Presidente Prudente, Professor Pesquisador ObservA – Obsevatório Ambiental para Mudanças Climáticas- Maputo-Moçambique. langajosemaria@hotmail.com

Introdução

> [...] às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora; – à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e histórica dos africanos e seus descendentes fora da África; – à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia; – aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora (MEC/SEPPIR, 2003, p. 22).

Falar sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira pode ser abordado por meio de diversas metodologias, como participação, organização e realização de projetos de diversas naturezas. Quando se trata de um projeto relacionado a algum país africano, no caso aqui, um de língua portuguesa com histórico colonial, é possível reinterpretar as noções geográficas para compreender conceitos geográficos sob diferentes perspectivas.

Contudo, ao fazer referência ao algum país do continente africano é preciso não estereotipar lugares, não cair nas armadilhas que as paisagens são exóticas, muito menos erotizar os corpos humanos. Além disso, é necessário aprofundar diferentes temas, recortes e temporalidades. Isso permite conhecer e aprofundar os estudos em diferentes níveis de formação temporais e espaciais, que nos aproximam e que estão distantes da academia brasileira. Para isso, embarcamos no exercício de aprender, cooperar, promover, educar e estudar para possibilitar a participação de africanos e brasileiros na II Conferência da GAM[3]. Mergulhamos literalmente nas profundezas do lago Malawi. Foi em fevereiro de 2020 que os geógrafos moçambicanos, colegas de profissão, reconheceram a importância de organizar o segundo encontro da GAM. Conscientes dessa situação, unimos nossos esforços para essa nova empreitada.

Desse modo, divulgar as atividades desenvolvidas na II GAM é demonstrar que as políticas curriculares de Moçambique e suas diretrizes buscam o fortalecimento do debate sobre a Geografia no contexto internacional. Isso poderá quebrar os imaginários e estereótipos racistas e coloniais reducionistas a respeito desse país.

Nesse sentido, ainda que as relações, espaços e tempos tenham se diminuído entre Brasil e Moçambique, ainda ocorrem soberbas, conivências e desconhecimentos a respeito da educação em Moçambique. Isto sem falar que dentro do país poderíamos ter muito para pesquisar e saber sobre a educação no espaço africano.

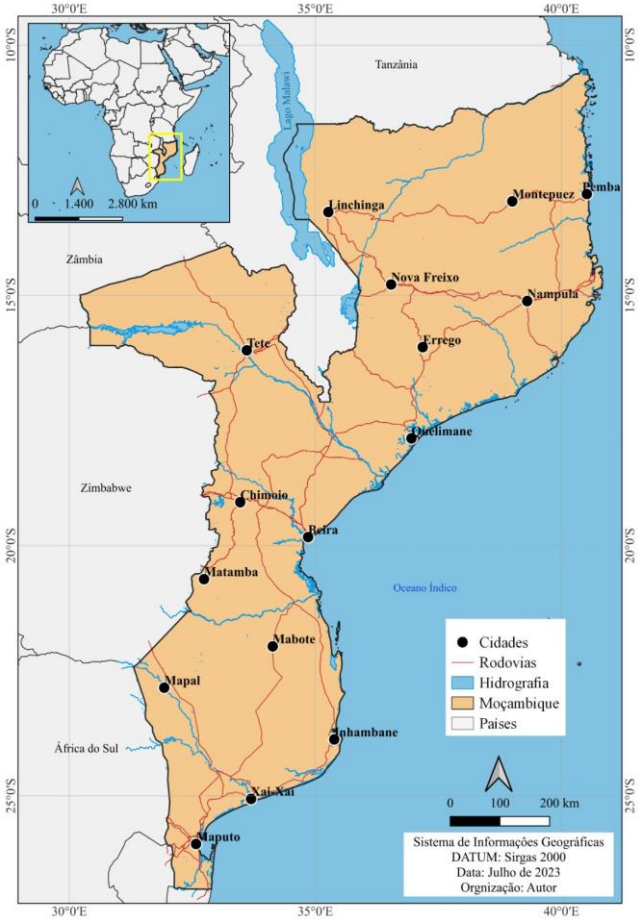
Ao criar cada vez mais laços, levantamos alguns questionamentos no âmbito dos diferentes recortes e abordagens no contexto moçambicano. Quais conteúdos são abordados em Moçambique? Quais saberes são produzidos na escola por meio da Geografia? Como a Geografia

[3] Associação dos Geógrafos de Moçambique.

vem sendo abordada pelos professores e alunos? Como é a aproximação com os professores e ou universidades brasileiras? Quais proximidades e disparidades com a geografia brasileira?

Diante do conjunto de inquietações e aproximações nos propomos a caminhar nesse aprendizado. O lago é também conhecido por Malawi, sendo considerado um dos grandes lagos africanos. Sua localização geográfica está entre Malawi, Tanzânia e Moçambique, suas medidas chegam a 560 km de comprimento, com 80 km de largura e média de 700 metros de profundidade. Por sua vez, ele está na província de Niassa, que tem como capital Lichinga, localizada há 2.800 km de Maputo (SANTOS, 1964).

De acordo com a Figura 1



Em Lichinga, existe um campus da Universidade de Rovuma (UniRovuma), uma das instituições de ensino público de Moçambique. Nesse local, ocorreu a II Conferência "**A Geografia de (em) Moçambique Percursos e Desafios Atuais"[4],** organizada pela GAM.

[4] Apoio da Universidade de Licungo, Universidade Save, PPGE-UFTM-Uberaba, Universidade Rovuma, Universidade Eduardo Mondlane e Grupo de Ensino e Pesquisa GeoAfrica.

O lema da conferência enquadra-se no contexto dos desafios impostos pelos processos de desenvolvimento social, econômico, cultural e tecnológico, nos quais professores de geografia e geógrafos são convidados para o engajamento na busca de propostas de soluções para problemas que lhe são apresentados. A conferência teve objetivos:

a) Divulgar os resultados de pesquisas realizadas na área da Geografia e do ensino
dessa disciplina;

b) Partilhar experiências e resultados de investigações científicas;

c) Debater questões sobre os percursos e desafios atuais da Geografia;

d) Discutir o papel da Geografia nos processos de desenvolvimento.

Nossa participação na II Conferência Nacional da GAM se deu por um processo de contínuo aprendizado, em colaboração e esforços de preparação, obedecendo as seguintes etapas: constituição da equipe de discussão e aprovação dos trabalhos; leitura da submissão dos resumos; correção e aprovação para com a comissão científica; preparativos para a realização da própria conferência.

Assim, as lembranças e registros aqui reunidos fazem parte dos trabalhos submetidos à comissão organizadora. Foram 71 resumos, dos quais apenas 64 foram aprovados, sendo 61 dos conferencistas e 3 dos palestrantes em sessões plenárias do primeiro e último dia da conferência. Para além de novos olhares geográficos, propomos mobilizar esforços em romper a concepção eurocêntrica espaço-temporal, explicitando a urgência na aproximação e reconhecimento de saberes que passam por atividades distribuídas em 10 eixos Temáticos.

Essa realidade demonstra a possibilidade de discussão em torno de uma educação científica e escolar, notadamente moçambicana, desenvolvida por professores e pesquisadores. Os temas foram diversos: Geo-História de Moçambique, Ensino de Geografia, Cartografia e Pensamento Geográfico, Meio Ambiente e Sustentabilidade, Gestão e Conservação de Recursos Naturais, Geografia da Saúde, Mudanças Climáticas, Riscos e Desastres Ambientais, Planificação e Ordenamento Territorial, Geotecnologias e Análise Espacial, Turismo e Sustentabilidade, Dinâmicas populacionais e migrações.

Aprendendo com Moçambique

Para o desenvolvimento dos trabalhos, foram apresentadas duas palestras de abertura, no primeiro dia, 29 de março, e uma palestra de encerramento no último dia, 31 de março. A primeira, intitulada *A história da Geografia de Moçambique: percursos e desafios*, foi proferida pelo Professor Doutor José Maria do Rosário Chilaúle Langa[5]. As reflexões estiveram voltadas na importância em estudar a história da Geografia em Moçambique. O professor Langa é investigador da História do Pensamento Geográfico de Moçambique desde os anos de 2010. Isso o levou a escrever a própria tese, intitulada *Geografia de Moçambique: um olhar para a história e a epistemologia*. Na tese, expressou a ideia de que não estudamos a História da Geografia de Moçambique apenas por uma questão de antiguidade, mas sim porque não devemos permitir que a Geografia seja desprovida de sua história (LANGA, 2017).

Langa (2017) destacou três atores para Geografia Histórica de Moçambique: **Aniceto dos Muchangos** (o uso e a alteração da natureza numa cidade grande trópicoafricana, o caso de Maputo – Moçambique. Área: Geografia Física); **Manuel Garrido Mendes de Araújo** (o sistema das aldeias comunais em Moçambique: transformações na organização do espaço residencial e produtivo. Área: Geografia Humana); e **Rachael Thompson** (o estudo de Moçambique no ensino de Geografia da 5ª classe da escola moçambicana – uma contribuição para a estruturação do programa e a configuração do livro do aluno com vista ao processo de ensino aprendizagem. Área: Ensino de Geografia).

Em sua apresentação, avançou para explicar porque a Geografia de Moçambique facilmente dialóga com Geografia do Brasil. Para ele são três razões que explicam essa relação:

a) ambos países têm um passado histórico como colônias de Portugal, consequentemente, a língua portuguesa é a oficial em ambos;

b) grande parte da Geografia brasileira enfoca a pobreza, pois até recentemente o Brasil estava entre os países em desenvolvimento. Portanto, essa Geografia é útil, tanto em seus métodos como em sua teoria, para explicar os processos socioespaciais que Moçambique enfrenta atualmente;

c) no Brasil, muitos professores encontram seu lugar de formação para níveis de Mestrado e Doutorado. Além disso, diversos pesquisadores brasileiros têm contribuído no processo de

[5] Professor e pesquisador no ObservA – Obsevatório Ambiental para Mudanças Climáticas.

formação em várias instituições de ensino superior em Moçambique, incluindo tanto homens como mulheres.

A segunda palestra, com o título *Ensino e pesquisa da geopolítica dos conflitos na África subsaariana*, foi proferida pelo Professor Doutor Frédéric Monié[6]. Durante o evento, o professor teve uma conversa com a professora Inês Macamo Raimundo, que atuou como mediadora da mesa. Durante sua apresentação, Monié abordou o tema de circulação, desenvolvimento e a Geopolítica dos sistemas regionais de crises e conflitos na África. Em sua exposição, ele problematizou os conflitos armados na África subsaariana, abrangendo o período desde o ano de 1990 como demais guerras de libertação nacional.

Os temas passaram pelos acontecimentos que reforçaram as representações de um continente "naturalmente violento", suas críticas as narrativas essencialistas e racistas a respeito do território e população africana. Segundo o pesquisador essas distorções reforçaram a figura da possível "missão civilizadora", composta pelo homem branco, ocorrida com a dominação europeia do final do século XIX, e tomou força nas demais partes do mundo.

As reflexões e exemplos do professor passam por Burquina Fasso; Camarões; Chade; Etiópia; Mali; Moçambique; Níger; Nigéria; República Centro Africana; República Democrática do Congo; Somália, dentre outros países. Para o professor, é preciso contextualizar e historicizar a atualidade desses conflitos, os quais geram diversos desequilíbrios humanos e crises humanitárias sem precedentes.

Geografias Moçambicanas

Além das comunicações, destacamos a participação de pesquisadores por meio de mesas redondas no programa da conferência, com o tema *Experiências profissionais dos professores de Ciências Sociais Geografia*. As mesas contaram com a participação de cinco professores, destes, três eram do Instituto de Formação de Professores de Lichinga e dois do Ensino Secundário Geral de Lichinga.

Alice Castigo Binda Freia[7], atual presidenta da Associação dos Geógrafos de Moçambique desenvolveu algumas falas. Entre elas a importância do ensino da Geografia na escola moçambicana, iniciado na 8ª classe, com abordagem da terra como um sistema dinâmico, por

[6] Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenador Grupo de Estudos e Pesquisa Espaços e Sociedades na África Subsaariana – GeoÁfrica https://geoafrica.com.br/

[7] Professora Doutora Presidente da GAM. Professora na Universidade Pedagógica de Maputo, Faculdade de Ciências da Terra, Maputo, Moçambique. E-mail: alicelanga2010@gmail.com

meio do estudo de seus subsistemas: atmosfera e biosfera, hidrosfera e litosfera. Em cada um desses componentes do sistema terra, de acordo com o programa de ensino, o aluno deverá compreender o uso, a proteção e a conservação deles.

A presidenta também refletiu a ideia em estudar as diferentes formas de interpretação do tempo pelos agricultores e pescadores de Niassa. Essa reflexão surge como resultado de análises que temos realizado sobre a escola como um ambiente multicultural e sobre os conteúdos escolares, especialmente os relacionados à Geografia Escolar. Ou seja, como agricultores de Chimbunila e os pescadores de Cóbuè fazem a interpretação do tempo constitui um primeiro passo de recolha e sistematização do conhecimento local. Observemos a mesa de aberttura da II GAM;

Figura 2 Professora Alice e Professor Júlio Ambrósio Masquete



Fonte: Autores 2023

Dos Grupos de Trabalhos (GTs), destacamos o intitulado *Meio Ambiente e Sustentabilidade*, que esteve composto por 10 trabalhos, na sua maioria, desenvolvidos por dois autores, somando um total de 24 participantes. Os debates abordaram temas como a produção do leite caseiro como estratégia de autossustento para as famílias de baixa renda no bairro Jécua na localidade Muzongono, distrito de Manica. Outros temas abordados foram a caracterização biofísica da bacia hidrográfica do médio Zambeze e os impactos sociais, econômicos e ambientais da salinização do aquíferoda região do grande Maputo dentre outros.

É possível observar que o GT foi constituído por diferentes correntes teóricas, com perspectivas amplas para atender aos debates. As apresentações tinham como objetivo responder diversas questões relacionadas às mudanças geoambientais e seus impactos no desenvolvimento local, regional e nacional ao longo do tempo.

Da mesma forma, podemos afirmar que as falas estavam baseadas em problematizações e justificativas sustentadas em termos metodológicos, indicadores matemáticos, dimensões ambientais, sociais, técnico-operacionais e econômico-financeiros. Nesse contexto, foi notável o

uso de técnicas e instrumentos de pesquisas: enquadramentos bibliográfico e documental; trabalho de campo-observação participante; elaboração de mapas de enquadramento geográfico, por meio do uso da ferramenta QGIS, versão como a aplicação de entrevistas.

O GT *Mudanças Climáticas, Riscos e Desastres Ambientais* apresentou oito trabalhos, os quais apresentavam riqueza de escalas e temas abordados, passando por alunos da graduação e professores doutores. No referido GT, destacamos dois trabalhos: *Vulnerabilidade a insegurança alimentar e nutricional no contexto de cheias, seca e estratégias de adaptação no distrito de Marracuene*; *Relação entre a distribuição geográfica dos eventos climáticos extremos e a ocorrência e casamentos prematuros em Moçambique*. Ambos trouxeram debates e participação para a educação cientifica, rompendo o silenciamento e a perspectiva estereotipada acerca dos debates sobre clima e sociedade. Os demais trabalhos perpassaram por métodos de pesquisas bibliográficas, documental, técnicas de entrevistas, dados de variáveis ambientais e socioeconômicas e ocorrência de eventos climáticos.

O GT *Geotecnologias e Análise Espacial* foi realizado com quatro trabalhos, dos quais destacamos o uso de geotecnologias para mapeamento de áreas inundáveis em zonas urbanas: estudo de caso bairro de Bunhiça e a potencialização da rizicultura face às adversidades socioambientais no distrito de Rapale. Nos trabalhos, é possível perceber a utilização de procedimentos metodológicos que envolveram levantamento de dados,organização e processamento, análise, síntese e integração das informações cartográficas. No que se refere a rizicultura, os debates abordaram a temática sobre as mudanças climáticas, riscos e desastres ambientais. Além disso, os debates tiveram como objetivo: analisar as estratégias técnico-científicas que podem potencializar a sua produção.

No conjunto das apresentações, destacamos a fala do Professor Doutor Francisco G. Nhachungue[8], no trabalho *A cólera na cidade de Lichinga: percepções sociais da comunidade académica da província do Niassa*.

[8] Doutor em Energia e Meio Ambiente. Docente no Departamento de Geociências-UniRovuma- Extensão de Niassa. Coordenador do GEAPAS (Grupo de Estudos em Avaliação da Percepção Ambiental e Social).

Figura 3 Prof. Dr. Francisco G. Nhachungue



Fonte: Autores 2023

Conforme a fala do professor, o objetivo central da pesquisa foi direcionado à comunidade acadêmica, visando atender às solicitações governamentais para envolver diversos setores sociais na divulgação de informações sobre medidas preventivas contra a cólera. O intuito era reduzir os índices de infecção e, por consequência, erradicar essa doença nas comunidades.

Para isso, foi elaborado um questionário por meio da plataforma *Google Forms*, com 16 perguntas, compartilhado via *e-mail* e grupos de *WhatsApp*, principalmente de docentes, funcionários e estudantes das Universidades sedeadas na província do Niassa. O período de disponibilidade do questionário foi de 25 de janeiro a 3 de fevereiro de 2023, totalizando 9 dias. Durante esse período, um total de 88 pessoas participaram do referido estudo.

Aproximações Brasil-Moçambique

No GT *Ensino de Geografia, Cartografia e Pensamento Geográfico*, foram apresentados 13 trabalhos. O grupo contava com 26 membros, destacando-se a presença significativa de professores e estudantes ativamente engajados na vida escolar.

Um ponto relevante observado no referido GT foi participação dos diferentes grupos sociais e étnico-raciais na formação territorial brasileira. Os debates passaram pelos elos culturais, econômicos e políticos relacionados à aproximação atlântica. Os profissionais envolvidos estavam preocupados com o processo de formação e aprendizagem geográfica. Ainda no referido GT houve uma presença consideravelmente brasileira, composta por professores, estudantes e pesquisadores da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Universidade de Coimbra (UC) -Departamento de Geografia e Turismo, e Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (NEPEN-GEO USP).

Dentre o conjunto de reflexões, foram trazidos debates no campo da metodologia, livros escolares, currículo e acesso à educação. Um dos temas apresentados foi: *Os recursos didáticos alternativos para a compreensão do vulcanismo no processo de ensino da geografia*. Tal atividade foi desenvolvida na escola secundária de Malehice no distrito de Chibuto. O objetivo desta atividade foi analisar as potencialidades educativas da maquete vulcânica como recurso didático para melhor análise de compreensão do vulcanismo no ensino da Geografia. O projeto denominado *Laboratório de Ensino* teve como propósito aprimorar as habilidades de jovens professores em formação inicial, estabelecendo uma conexão entre a Universidade e as Escolas, bem como entre a teoria e a prática educacional.

Esteve presente no debate o tema da educação inclusiva, por meio de protocolos internacionais dos quais Moçambique é signatário, tendo criado o movimento de *Educação para Todos*, por volta de 1990. Durante as discussões, o conceito de inclusão escolar foi abordado, focando no acesso e na permanência dos estudantes nas escolas, com ênfase especial naqueles que possuem deficiências físicas ou motoras, altas habilidades, déficits cognitivos, autismo e outras condições sociais, emocionais e psíquicas.

O referido tema possibilitou a abordagem de diferentes recortes a respeito da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2023 pelo Ministério da Educação e Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, MEC/SEPPIR. A exemplo, o dispositivo da lei que obriga como currículo oficial o ensino do conteúdo da História e Cultura Afro-Brasileira. As propostas tiveram como objetivo aprofundar o tema e estabelecer orientações às instituições de ensino, afirmando a necessidade de práticas escolares de reparação. As metodologias passaram por temas que abordam a questão racial, direcionando os professores quanto ao tratamento adequado ao tema, o qual supere os preconceitos enraizados, a produção de materiais didáticos decoloniais, a análise sistemática de planos curriculares, programas de ensino e livros didáticos.

Baseados na Lei nº 10.639/2023, as arguições lembraram as mobilizações e lutas da parte do Movimento Negro e dos educadores de uma forma geral.

Figura 4 e 5 Alunos ouvintes e participantes



Fonte: Autores 2023



Fonte: Autores 2023

A presença brasileira no evento demonstra a articulação entre os sistemas de ensino, o fortalecimento entre as instituições de ensino superior: centros de pesquisa, núcleos de estudos afro-brasileiros, escolas, comunidade e movimentos sociais. Tal realidade comprova a importância de formação de professores para a diversidade étnico-racial, o que já tinha sido apresentado pelo Professor Langa.

Conforme o respectivo GT, a escola não é a única instituição social responsável por assegurar o direito da educação. O debate entre as partes inclui um conjunto de bibliografia relativa à Geografia e História de ambos os países envolvidos. Isso fortalece a cultura afro-brasileira e africana, além das relações étnico-raciais. Além disso, o GT trouxe para o debate a possibilidade de construir novas parcerias e aprendizados entre os grupos presentes na luta contra o racismo.

Diante as discussões sobre o ensino de Geografia, como encerramento do ciclo de palestras no último dia do evento, o Professor Doutor Rosemberg Ferracini[9] apresentou o tema *Dialogando Geografia Acadêmica e Geografia Escolar: teorias e práticas escolares em Moçambique*. A fala do professor trouxe um valioso apelo para o contextualizar no campo escolar, nos manuais escolares,

[9] Professor na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, (PPGE-UFTM). Faz parte do grupo de Estudos e Pesquisa Espaços e Sociedades na África Subsaariana – GeoÁfrica rosemberg.ferracini@uftm.edu.br https://orcid.org/0000-0003-1203-8893

simpósios e nos currículos praticados. Essas informações poderão auxiliar os professores na sala de aula, nas graduações em geografia, em específico nas aulas diárias dos cursos de formação continuada.

Na busca pela construção de uma perspectiva moçambicana, é importante direcionar o olhar para os estados de Niassa, Nampula, Cabo Delgado, Zambésia, Tete, Manica, Sofala, Gaza, Inhambane e a capital Maputo. O professor deixou o registro sobre a relevância de abordar um estado composto por diversas organizações civis, línguas, saberes, povos, relevos, regiões formadas por territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas, oposto ao olhar colonizador.

No geral, cada participante abordou aspectos que colaboram para um outro olhar a respeito das Geografias em Moçambique. Esperamos que tais informações que sejam publicadas, divulgadas e utilizadas para além da sala de aula. Tal fato, seguramente contribuirá para mudança do foco no debate, diferente daquele da colonização racista presente nas traduções de língua portuguesa.

Da mesma forma, o evento trouxe exemplos para aqueles que desejam ministrar aulas ou pesquisar "de Norte a Sul", a respeito das diversas espacialidades e temporalidades. Corroborando o pensamento do filósofo moçambicano, Ngoenha (2023, p. 2), não podemos "abdicar significaria entregar o destino do nosso povo àqueles que não têm interesse em promover o bem-estar de todos os moçambicanos". Aceitar calado ou plácido seria renunciar a Moçambique, entregar o destino nas mãos daqueles que não compartilham dos nossos ideais, para aqueles que não compreendem a urgência de uma nação livre e justa. O racismo via colonialismo não terminou.

O (re)encontro: para não terminar

A referida reflexão é fruto de uma simpática construção conjunta, escrita por um moçambicano e um brasileiro. Essa parceria surgiu por meio de uma abordagem histórico-geográfica, que possibilitou abrir novas perspectivas de leitura e aprendizado sobre a África e sobre nós mesmos. Essa parceria possibilitou a construção de novos significados, promovendo uma compreensão mais abrangente e enriquecedora tanto sobre Moçambique e do continente africano quanto em relação à nossa própria identidade brasileira.

É importante ressaltar que todas as atividades foram realizadas com grande empenho e dedicação. Estiveram presentes estudantes da graduação, professores, pós-graduandos da Universidade Licungo, Universidade Save, Universidade Santiago de Compostela – USC (Espanha), Universidade Pedagógica de Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, do ObservA – Obsevatório Ambiental

para Mudanças Climáticas, Instituto Superior Mutasa – Manica, Universidade Pùngué, Universidade de Lisboa, Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL, Universidade de Coimbra-Departamento de Geografia e Turismo e NEPEN-GEOUSP, dentre outras. No entanto, temos a expectativa de que, para futuros eventos acadêmicos, cada universidade, por meio de seus docentes e estudantes, consiga obter mais investimentos e apoio para o ensino e a pesquisa, promovendo liberdade, perseverança e oportunidades.

Diante da riqueza dos temas e do elevado número de participantes, ressaltamos que não se trata teórica ou metodologicamente em mudar um foco eurocêntrico, mas em demonstrar o leque das atividades curriculares acadêmicas e escolares das águas do Malawi para o resto do mundo.

Considerando a riqueza e diversidade das contribuições dos autores e temas apresentados, alguns deles trouxeram perspectivas e abordagens que questionaram realidades além de Moçambique. Portanto, podemos dizer que os diálogos foram fundamentais para que o II GAM, na totalidade, desempenhasse um papel formativo aos estudantes e professores envolvidos.

Gostaríamos de convidar os colegas brasileiros interessados em aprender a respeito da leitura espacial e temporal de países africanos a se engajarem na responsabilidade moral e política de combater o racismo e a discriminação contra eles. Reconhecemos a importância de promover uma consciência crítica e ativa em relação a essas questões, por isso, é necessário que todos se unam nesse esforço coletivo para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, afinal

> Ainda há muitas e árduas batalhas a serem travadas em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e livre [...]. Não podemos permitir-nos cair na complacência ou na apatia, nem permitir que as amarras invisíveis do conformismo nos aprisionem (NGOENHA, 2023, p. 1).

Assim, cabe ao conjunto envolvido entre escola e universidade articular as diferentes dimensões espaciais pedagógicas, para que tenhamos outros olhares a respeito de Moçambique no ensino de Geografia. Temos o compromisso na formação entre brasileiros e moçambicanos em desenvolver reflexões no campo da pesquisa via publicações, ensino e pensamentos conjuntos.

REFERÊNCIAS

FERRACINI, R. L.; BEKA, A. B.; OBOUNOU, C. A. N. Por uma Libreville livre: ensino de geografia no Gabão. **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II,** *[S. l.]*, v. 8, n. 15, p. 7–18, 2022. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/GIRAMUNDO/article/view/3489 acessado em 26/06/2023

FREIA, Alice Castigo Binda. A integração do conhecimento local sobre o clima na Geografia Escolar. In **Ensino de geografia da África: caminhos e possibilidades para uma educação antirracista.** Orgs, Rosemberg Ferracini, Jonathan da Silva Marcelino e Sávio José Dias Rodrigues. Quissamã, RJ: Revista África e Africanidades, 2021. 214p.

LANGA, José Maria do Rosário Chilaúle. **Geografia de Moçambique: um olhar para história e epistemologia.** Tese de Doutorado, Unesp, 2017 261 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

NGOENHA, Severino. **Não podemos desistir de Moçambique! https://filosofiapop.com.br/texto/nao-podemos-desistir-de-mocambique/** acessado em 25/06/2023

SANTOS, Nuno Valdez dos. **O Desconhecido Niassa**. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964, 240 p.

Sites

https://geoafrica.com.br/ acessado em 24/06/2023
https://africaeafricanidades.com.br/ acessado em 23/06/2023

Agradecimentos: Amizade incondicional em Niassa ao professor Júlio Ambrósio Masquete.

Dedicamos essa reflexão a professora Presidente da GAM Alice Castigo Binda Freia. Assumimos os erros ocorridos. Que venham novos laços, obrigado.